

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO V

HOMENAGEM A GAMA BARROS

*Volume II*



COIMBRA / 1951

## O topónimo «Chaves» e o seu caso etimológico

A revisão periódica das conclusões, a que num certo momento se chegou, em qualquer género de investigações e problemas, — mesmo quando essas conclusões são subscritas por sábios de reconhecido mérito, — é uma condição essencial do progresso e aperfeiçoamento dos conhecimentos humanos.

Se, muitas vezes, tal revisão redundava numa mera confirmação, aliás sempre útil, também outras vezes, mercê de maior atenção a reflexões prejudiciais ou óbices, que escaparam às observações precedentes, de novos dados e elementos, que surgiram sobre um problema versado, de uma análise mais calma e demorada dos factos a ter em conta, fomos levados a alterar ou mesmo a abandonar as conclusões, a que sobre esse problema se tinha chegado antes, com visos de solução definitiva.

Estas considerações teem adequada aplicação ao caso etimológico do nome da nossa antiga vila, hoje cidade de *Chaves*, ribeirinha do Tâmega, na província de Trás os Montes, — e são trazidas aqui, porque o historiador ilustre, a que no presente volume e no anterior desta *Revista* se rende justíssima homenagem, concorreu para a solução, que julgo mais razoável, desse caso com um bom punhado de achegas documentais de formas antigas daquele topónimo, oferecido ao Dr. Leite de Vasconcelos e que este saudoso Mestre, embora se não aproveitasse dele para rever a sua antiga opinião sobre o assunto, veio a publicar em *igzi*, no volume ui dos seus *Opúsculos* (Onomatologia), pág. 334 a 336.

Se, como é mais que verosímil, existiu no local da actual cidade de Chaves alguma povoação pre-romana, ignora-se-lhe completamente o nome.

O que se sabe, pelos letreiros dos marcos miliares da *Jeira*, — a i.<sup>a</sup> estrada romana que de Braga, passando por Chaves, se dirigia a Astorga, — e por algumas inscrições coligidas e estudadas por Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. n, é que, desde o séc. I depois de Cristo, existiu aí urna importante povoação com o nome latino de *Aquæ Flavie*, chamando-se aos seus habitantes *Aquiflavienses* (4).

Aquele nome de *Aquæ* (Águas) proveio-lhe evidentemente da notável nascente termal que brota à ilharga da cidade, junto à margem do Tâmega; e o adjectivo *Flavie* (Flávias) rememora e homenageia, sem dúvida, o nome do imperador Vespasiano (*Titus Flavius Vespasianus*), reinante de 69 a 79 depois de Cristo e que fundou ou ao menos restaurou o respectivo estabelecimento termal para melhor uso das águas (2).

Com o decurso dos tempos o topónimo *Aquæ Flavie* ficou reduzido, no uso corrente, apenas ao seu elemento adjectivo, o que é fenómeno muito frequente. No séc. V já se dizia simplesmente *Flavias*, como adiante se verá, e é este qualificativo sem dúvida, na forma acusativa, a base etimológica do nome português *Chaves*.

Queria, porém, o Dr. Leite de Vasconcelos, segundo opinião já exposta pelo menos desde 1895 (3), no seu artigo *Vestiges des cases latins*, saído na *Revue Hispanique*, II, 119, que o étimo

(9) Vid. *Corpus Inscript. Lat.*, vol II, n.º 2473, 2477, 2478 e 2479 a 2483, e ainda n.º 5682, no *Supplementum*.

(2) O nosso Dr. João de Barros, na sua afamada *Geografia d'Entre Douro e Minho e Tras os Montes*, acabada de escrever em 1547, mas que saiu impressa no Porto só em 1919, a pág 88, relacionou erradamente o qualificativo *Flavias* com o adjectivo latino *flavus*, a, um, traduzindo o nome *Aguas Flavias* por «aguas louras ou amarelas». E explica, a seguir: «A causa por que se chamam aguas flavias ou louras deve ser porque o rio Tâmega e outros daquela parte se envolvem e se fazem quase amarelas com as chuvas e trovoadas, e outra razão lhe não acho».

Em idêntico erro incorreu posteriormente o cónego de Salamanca, Gaspar de Castro, a quem o eruditissimo Hübner rebate, a tal respeito, escrevendo: «*Civitas Aquiflaviensis est a Vespasiano sine dubio ita nominata* (cfr. n.º 2477) *non ab aquarum Tâmega fluvii colore flavo*». Cit. *Corpus Inscr. Lat.*, II, 344.

(3) J. Jungfer, no seu estudo *Über Personnamen in den Ortsnamen Spaniens und Portugais*, cita um outro artigo anterior do Dr. Leite, que não pude ler, sobre *Etimologias populares portuguesas*, saído na *Miscellanea di Filologia*, Firenze 1886, em que ele já defendia a mesma doutrina.

directo daquele nome fosse o lat. *Flauis*, caso ablativo de *Flauiae* e não o acusativo *Flauias*.

Em novo artigo publicado no ano seguinte, no jornal *Voi de Chaves*, n.º 168 de 2-VIII-1896 (reproduzido nos *Opúsculos*, ni, 331-33) reitera o mesmo parecer, escrevendo:

«Não é *Chaves* o único topónimo que provém de um ablativo latino : no mesmo caso está *Sagres*, que provém de *Sacris*. Como o ablativo servia para exprimir o lugar *ubi* com os nomes proprios no plural, compreende-se que alguns ablativos ficassem na nossa lingua, apesar de o caso normal de que provém as palavras portuguesas ser o acusativo. Por isso, como disse acima, o ablativo *Flauis* explica *Chaves* sintaticamente. Quanto á fonética, também não ha nisto dúvida nenhuma : *Jl-* inicial de palavras latinas deu em português *c/z-*, em palavras populares e antigas, o que se nota em *cheirar*, de *flagrare* (por *fragrare*) *chor* de *Jlorem*, *chorcer* de *florescere*, *chama* de *Jlamma*. Os dois *ii* reduziram-se normalmente a um só, do que já até em latim ha muitos exemplos ; e o *i* resultante mudou-se em *e*, como em *dormes* de *dormis*.

Portanto, a palavra *Chaves* vem de *Flauis*...

Ainda nas suas tão valiosas *Lições de Philologia Portuguesa*, i.ª ed., Lisboa 1911, pp. 43-44, voltando a tratar de *Vestigios de casos latinos* na nossa língua, o ilustre Mestre insiste mais uma vez na explicação etimológica aludida, apresentando a série evolutiva das formas: ablativo lat. *Aquis Flaviis* > (*Aquis*) *Flavis* > português *Chaves*.

E, em nota a pag. 44, acrescenta:

«Num doc. de 1196 (*Leges et Consuet*, pag. 504) lê-se *Chauias*, forma que está em contradição com o que digo ; mas a contradição é só aparente, pois o doc. é latino, e o notário julgou que alatinava o nome escrevendo *Chauias*. Já num doc. de 1253 (ibid. pag. 640) se lê *Chaues*. Outra forma é *Achaues* (com *a* prostático e flutuante) como vem na *Chancelaria de D. Denis*, Liv. ni, ff. 23, na Torre do Tombo; cf. *Elucidario*, i.ª ed., p. 406, col. 2.»

Ora, não foi só no doc. de 1196, citado pelo Dr. Leite, que o notário escreveu *Chauias* ; foram diversos notários, em muitos outros documentos mais abaixo apontados, e tanto antes como depois de tal data. Essa forma *Chauias*, por outro lado, nunca poderá ser considerada uma latinização de *Chaues*, por que não

corresponde nem se aproxima de nenhum vocábulo latino, não significa nada em latim, língua que até desconhece o som palatal fricativo do cA, que a inicia.

Nada haverá a objectar quanto à explicação fonética exposta acima ; mas sintacticamente o caso é diverso. Dizer que, como o ablativo latino servia para exprimir o lugar *ubi* com nomes próprios no plural, podiam ter ficado alguns exemplos desse caso na nossa língua, — não equivale, de forma alguma, a demonstrar -que *Chaves* é um desses exemplos e provém... portanto de *Flauis* !

Deixemos de lado, por agora, o caso de *S&crts* > *Sagres*, que não tem firmeza maior, que o aqui discutido.

A flexão casual deixou, como se sabe, de ter uso no latim vulgar substituída pelo emprego das preposições, ficando apenas o acusativo (sem o *m* final), como forma tipo nominal e, nos topónimos e patronímicos peninsulares, até bastante tarde, o genitivo.

Todos os vestígios, ou pretensos vestígios, de outros casos, como excepções que serão, carecem de meticolosa comprovação, que o Dr. Leite de Vasconcelos não efectuou, a meu ver.

Sabe-se que existem realmente na Itália, na França, etc. alguns topónimos nascidos de ablativos latinos. Gfr. Meyer Lubke, *Introducción al estudio de la linguística romance*, trad. espanhola, Madrid 1914, pp. 285-86, e E. Muret, *Les noms de lieux dans les langues romanes*, pp. 55-62.

Mas, além de que esses topónimos constituem uma insignificância no meio dos muitos milhares de outros nascidos do caso normal, — o acusativo, — sucede que na Península Ibérica, se exceptuarmos talvez a Catalunha, não se descobriu até agora um só exemplo irrecusável daquela espécie.

O que é certo, porém, é que a opinião do Dr. Leite de Vasconcelos, por ele mantida sempre desde o seu artigo na *Revue Hispanique* e decerto pelo prestígio do seu muito saber, foi aceite sem discussão pelos filólogos mais distintos, tanto em Portugal, como no estrangeiro:—Ribeiro de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Antenor Nascentes, Meyer Lubke, Cornu, Carnoy, Bourciez, E. Muret, Huber, etc.

Sem quebra, todavia, da grande veneração que tributo ao Mestre, julgo-a completamente infundada no que respeita ao caso

latino, em que ele pretende assentar a origem do topónimo moderno *Chaves*, isto é, o ablativo plural latino *Flaviis* (4).

Na verdade, ainda que o nome de *Aquæ Flaviæ*, na época do domínio romano, apareça declinado nos vários casos, exigidos pela sua função nas frases e textos em que figura, e entre eles no ablativo plural (5), é muito certo que, depois desse domínio, não só o topónimo composto nos aparece reduzido apenas ao seu elemento adjectivo com eclipse do substantivo (6), mas também este elemento

(\*) Embora hesitantemente, e sem focar o assunto, como aqui faço, já em i g 13 manifestei as minhas dúvidas sobre este caso, escrevendo na *Rev. Lusitana*, xvi, 15/ : — «Quanto a *Chaves*, chamada geralmente no séc. xm *Chavias*, no séc. ix *Flavias*, se me é permitido divergir do ilustre mestre, Dr. Leite de Vasconcelos, creio... provir de uma denominação tal como *Castrum de Flaviis*, castelo de *Flavias* (termas),— se não é antes uma simples modificação de *Chavias* por influência do nome comum *chave*».

Esta última hipótese é que penso deixar devidamente provada agora.

(5) O nominativo (plural) *Aquæ Flaviæ* lê-se numa inscrição do séc. n, num museu de Leão (Hübner, *Corpus Inscr. Lat.* n, *Suplem.* n.º 5682) ; o ablativo *Aquis Flaviis* (sc. *in* ou *ab*—) figura nos letreiros de vários marcos miliares da Jeira (cfr. *Corpus* cit. n.º 4779 a 4783) ; o acusativo está implícito no nome da mansão *Ad Aquas* (sc. *Flavias*) inscrito no *Itinerário* de Antonino, no i.º caminho de Braga a Astorga, entre *Caladuno* e *Pinetum*.

(6) Semelhante eclipse é bastante vulgar, em denominações toponímicas compostas. Eis outros exemplos congêneres antigos:

Uma *Villa Cornelianæ*, «quinta de um indivíduo chamado Cornélio», que ascende decerto à época romana e já se nomeia assim em does. nossos de g 15 (*Dipl. et Chartæ* n.º 18 e 19) perdeu o i.º elemento e, em 1220, diz-se só *Corneliaa*, sendo hoje a freg. de *Correlhã* no conc. de Ponte do Lima. Coisa análoga se deu, já no séc. iv, com o topónimo *Caecilianæ* (sc. *villa*, *mansio* ou *statio*) que o *Itinerário* de Antonino marca, reduzido ao elemento adjectivo, no i.º caminho de Lisboa a Mérida e devia ficar pelas alturas da actual Aqualva, conc. de Setúbal.

Também o topónimo *Salientes*, na antiga Galiza, que aquele *Itinerário* inscreve sob a forma ablativa (*Salientibus*), no 2.º caminho de Braga a Astorga, está sem dúvida, por *Fontes* (ou *Aquæ*) *Salientes*, «fontes jorantes», isto é, «chafariz», com pristina ablação do elemento substantivo. Cfr. Cortés y López, *Dice. Geográfico Histórico de la España Antigua*, II, 147 e ni, 328.

As nossas principais estâncias termas modernamente ditas *Caldas*, chamaram-se de início, em latim, *Aguas Calidas*, «aguas quentes», mas há séculos sofreram idêntica eclipse. As *Caldas* da Rainha, na Estremadura, ainda em doc. latino de 1259 se chamam, em ablativo, *Aquis Calidis* (*Livro dos bens de D. João de Portei*, p. 63) ; as *Caldas* de Vizela, porém, no conc. de Guimarães, já se dizem somente *Caldas* em does. de 961, 1013 e 1014, aludindo

se apresenta sempre, como nome monoptoto, na forma acusativa, ou seja *Flavias*. Isto em todos os documentos e textos latinos conhecidos, desde então.

Assim: — logo no séc. v, época em que *Flavias* se tornou sede de um efêmero bispado, o bispo coevo respectivo, Idácio, autor do primeiro cronicão peninsular, ao contar-nos nele como foi preso na sua própria igreja (*Aquaejlaviensi Ecclesia*) pela soldadesca sueva de Frumário, em Julho de 460, e ficou três meses detido, emprega aquela forma curta, escrevendo:

«Idatius... tribus mensibus captivitatis impletis, redit ad *Flavias*.» (Vid. Flórez, *España Sagrada*, iv, p. e Marcelo Macias, *Aportaciones a la História de Galicia*, Madrid, 1929, p. 71-72).

No séc. vin vem identicamente *Flavias* no roi, que faz Sebastião de Salamanca, das «civitates» tomadas aos mouros por Afonso I das Astúrias (739-756). Esse rei, «cum fratre suo Froilane multa adversus Sarracenos praelia gessit, atque plurimas civitates ab eis olim oppressas, id est, Lucum, Tudem, Portucalem, Bracaram Metropolitanam, Viseum, *Flavias*, Agatam, Letesmam, Salamanticam... » etc. (*Chronicon Sebastiani Salamant.* § i3, na *España Sagrada*, xiii, 481).

No séc. seguinte, num documento do mosteiro galego de Celanova de 872 lê-se por sua vez: «data est terra ad populandum illustrissimo viro domno Odoario digno bellatori in era DCCCCX a principe serenissimo Domno Adefonso, Qui venit in civitate *Flavias* secus fluvium Tamice vicos et castella erexit...» etc. (López Ferreiro, *Hist. de la Iglesia de Santiago*, II, 176, Apend.).

Nos sincronismos, que seguem a data de urna «carta testa-

estes dois últimos aos *Oculis Calidarum* (*Dipl. et Chartae*, n.ª 82, 221 e 225); e às *Caldas* de Arêgos, no conc. de Resende, chama o respectivo foral de 1183 «*villam quam dicitur Caldas*» (*Leges*, p. 419) e as inquirições de 1258 «*villa de Caldas*». (*Inquisit*, 986, 2.ª).

Na Hispania Tarraconense, região dos Ausetanos, havia também, na época romana, uma povoação de nome *Aquae Calidae*, a que Ptolemeu, traduzindo-lhe o nome em grego, chamou «TSara ôpeuá, e Plínio aos habitantes *Aquicaldenses* (cf. Plínio, *Hist. Naturalis*, ed. de Hardouin, Paris 1741, T. 1, p. 142). É hoje *Caldas* de Malavella, na prov. de Gerona, segundo Cortés y López, *Dice*. cit. II, 144.

menti» do ano 1072 (xm Kal. jan. era M.<sup>a</sup>C.<sup>a</sup>X.<sup>a</sup>) no *Liber Fidei* de Braga, diz-se também: «Regnante Sancti[o] rege. Vimara Gondesindiz maiorino in *Fiarias*». (Arquivo Distrital de Braga, *Liber Fidei*, fl. 103).

Outro doc. de 1084, no mesmo livro, consigna igualmente: «facta karta die quod erit X.<sup>o</sup> kalendis januarii Era M.<sup>a</sup> C. XXII. Regnante illustrissimo rege Adefonso in legionense. Mandante *Fiarias* comes Rodrigo Velasce et ejus vicarius». (Idem, idem, fl. 116).

Estes ultimos documentos são citados por C. da Cunha Coutinho, no seu estudo *Anotações à Hist. Flariense nos séculos X a XVI*, Lisboa, 1937, p. 80.

Fr. A. Brandão, na *Monarchia Lusitana*, P. ni, L. vm, C. iv, fl. 9 verso (Lisboa, 1632), extracta ainda daquele *Liber Fidei* outra escritura de doação de 1085, com dizeres análogos aos da precedente: «Facta carta Era M. C. XIII. Kal. Augusti regnante illustrissimo Rege Alfonso in legionense, mandante *Flauias* Comite Rodrigo Yelasci» etc.

De pleno acordo com a forma normal latina do nosso topónimo, que vimos documentando, estão as primitivas formas portuguesas: *Chauias* (às vezes escrita *Chauhas*) ou *Xauias*.

Com efeito, ainda antes de se extinguir o séc. xi, já nos surge pela primeira vez aquela grafia com C/z- numa doação de certa herdade sita «in loco S. Stephani de *Chauias*, discurrente rivolo Tamice», feita em 5 de Janeiro de 1100 (era MCXXXVIII nonas januarii) — «Regnante in Tolleto Rege Adefonso, in sede S. M. Bernardo Archieppo, mandante Zamora comite D. Revmundo et in *Chauias* comite D. Saneio et ejus vicarii» (índice dos Reservados da B. N. L., fl. 48 verso, citado por Cunha Coutinho em *Notas históricas e críticas*, Lisboa, 1938, p. 75).

Gonzaga de Azevedo aponta um documento da mesma data, lançado no sobredito *Liber Fidei*, fl. 115 verso, com sincronismos idênticos ao anterior, mas onde se escreveu *Xarias* (exemplo único) em vez de *Chauias*: «Mandante Zamora ille comite domnus Reimundus et in *Xarias* ille comite domnus Sancius et ejus vigarii» Y id. *Hist. de Portugal*, v, p. 137, nota 1.

No séc. xii escasseiam os documentos sobre Chaves; mas no foral de Souto Maior de 1196 lá é citada sob a forma *Chauias* e o mesmo sucede no de Favaio de 1211 (*Leges*, 204 e 555).

Também Lucas de Tuy, no seu *Chronicon Mundi* e com referência à tomada de Santo Estêvão de Chaves, cerca de 1222, pelo rei de Leão, Afonso II, chama a essa povoação «castrum... quod dicitur S. Stephanus de *Chavias*». (Cf. Gonzaga de Azevedo, obra cit., v, 178.

Daqui por diante as abonações da mesma grafia ameadam-se ao serem indicadas as tenências a cargo de alguns confirmantes dos documentos régios.

Assim é que Estêvão Anes (*Stephanus lohanis*) confirma como ctenens *Chauias*, ou *Chauyas*— na doação da vila de «Sauto de ripa Hominis» a João Soares Coelho, em 1264 (Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Afonso I* /, L. 1, fl. 81);— na doação de umas casas em Lisboa a D. João de Aboim, em 1264 (Id. id., fl. 70);— na doação de Mortágua e Ferreiros em 1268 (Id. id., fl. 89) — no foral de Pena da Rainha do mesmo ano — todos estes documentos citados por Gama Barros (7); — em uma confirmação régia de 1205 {*Livro dos bens de D. João de Portei*, p. 25};— e no foral de Silves de 1266 {*Leges*, p. 707}.

Na doação, em português, de Marvão, Portalegre e Arronches, feita pelo rei ao infante D. Afonso, seu filho, em 1271, figura o mesmo confirmante: «Steuam Eanes teendo *Chauas*» (sic). Cf. *Chancelaria de D. Afonso III*, L. 1, fl. 110v.\* , também citada por Gama Barros.

Outro magnate da época, D. Pedro Ponce ou Ponço {*Petrus Poncii*) confirma igualmente como «tenens *Chamase*, em ratificações de doações régias de 1203 e 1264 {*Livro dos bens de D. João de Portei*, pp. 34, 36, 38 e 40}.

No foral dado a Santo Estêvão de Chaves em 1258, chama-se repetidamente a essa povoação e seu castelo «Sanctus Stephanus de *Chauias*, ou *Chauyas*» {*Leges*, p. 686}. Mas no *Livro II das Inquirições de D. Afonso III*, de 1258-59, na Torre do Tombo, o determinativo desse topónimo é *de Chauas*, de que acima vimos já exemplo, e não de *Chauias*, como informa Cunha Coutinho, nas *Notas hist. e críticas*, p. 47.

Finalmente, ainda em uma procuração escrita em português em Maio de 1308 o respectivo tabelião, Joham Açençaço, escreve

(7) Neste último foral, porém, em *Leges*, p. 712, vem «tenens *Chaues*» e não *Chauias*.

repetidas vezes avilla de *Chaphas*, ou de *Chapias*», aEjgreia de Sancta Maria de *Chaphas*», aconçelho de *Chaphas*», a par de *Chapes* só duas vezes. Cf. Cunha Coutinho, *Do primitivo foral de Chapes pre-manuelino*, Lisboa, 1945, pp. 19-20, — devendo lembrar-se aqui, a propósito, e uma vez por todas, que tanto a grafia *Chavhas*, como *Chauias*, devem ler-se *Chapias*, porque além do valor corrente de *p* que tinha a semi-vogal *u*, na grafia dos escribas dos sécs. xm e xiv o /2, nos hiatos postónicos, representava frequentemente *i* e, assim, v. g. *Alcobacha* equivalia a *Alcobàcia*, *limpho* a *limpio*, *Pauha* a *Pauiã* = *Pária*, *Rabha* a *Rábia*, *Segouha* a *Segôria*, *Neuha* a *Népia*, *sabham* a *sabiam* (saibam), etc.

O sr. Cunha Coutinho, que nos seus trabalhos, que temos citado\* tão acuradamente tem estudado a história antiga de Chaves, escreve num deles: — aa partir de 1268 começam os diplomas régios a referir-se a «Chaves», afigurando-se-me que é desta data em diante que se fixou o topónimo hodierno». E diz mais adiante: «Em meu parecer, firmado no que a tal respeito pude alcançar, o velho topónimo *Chapias* apenas nos aparece definitivamente transformado em *Chapes* no decurso do terceiro quartel do séc. xm». (*Anotações cit.*, pp. 15 e 21).

Eu diria preferentemente, que o caso se deu nos meados do séc. xm. Com efeito, conforme notou o Dr. Leite de Vasconcelos, já no foral de Vinhais de 1253 se lê que este foi firmado — aapud Sanctum Stephanum de *Chaues*» (*Leges*, p. 640).

Nas inquirições de. 1258-59, em vez da expressão *de Chapes* escreve-se *de Clapibus*: — *acastellum de Clapibus*», *aconcilium de Clapibus*», *aparrochia de Clapibus*» (T. do T., *Inquirições de D. Afonso III*, L. III, fl. 185 e seg.) e igualmente «*Sancto Stephano de Clapibus*» (Id., id., fl. 191 v.\*), segundo nos informa Cunha Coutinho nas aludidas *Notas históricas e críticas*, pp. 48-9 e 87, formas essas que são pretensas mas falsas traduções, em latim, do topónimo em questão, como se este representasse de verdade o plural do nome comum português *chape*, sucessor do latim *claris*. Elas denunciam-nos, todavia, indirectamente, que a forma toponímica viva e corrente no meiado do séc. xm era já *Chares*

Em outros documentos coetâneos navegam os escribas nas mesmas águas. No foral dos mouros forros de Silves, Tavira\*

Loulé e Faro, de 1269, figura o mencionado Estêvão Anes, tenente de Chaves, como «tenens terram de *Clauis*» (*Leges*, 716). E num diploma de D. Dinis de 1280 aparece igualmente um «Martinus Alfonsy tenens *Claves*» a confirmar (T. do T., *Chancelaria de D. Dinis*, L. 1, fl. 28. Citação de Gama Barros).

Por outro lado, na confirmação da doação da vila e castelo de Miranda (do Corvo) a Afonso Pires Farinha, aquele Estêvão Anes nomeia-se «Stevam Enhanes teente *Chaues*» (T. do T., *Chancelaria de D. Afonso III*, L. 1, fl. 84); e o «tenens *Chaues*» figura na confirmação de outros diplomas régios de 1272, 1274 e 1278, na mesma *Chancelaria* e livro, fls. 114 v.º, 130 e 15g v.º, todos referidos também por Gama Barros.

Ficaremos por aqui, por que nos parece deixar suficientemente abonada a nossa tese. Quer dizer : — para designar a povoação de Chaves, desde o séc. v até fins do séc. xi só se encontra nos escritores e documentos coevos a forma latina *Fluias* e jamais *Fluiis* ou *Fluis*; desde 1100 até meados do séc. xm só se encontra a forma portuguesa *Chuias* (ou *Xuias*) mas nunca *Chaues*; do meado do séc. xm até a primeira década do séc. xiv aparece muitas vezes *Chuias* (ou *Chauhas*) e duas vezes *Chauas*, mas alternando já frequentemente com *Chaues* = *Chaves* (às vezes falsamente latinizada *Claves*, *Clauis*, ou *de Clavibus*); de aquela década por diante só conhecemos a grafia *Chaves*, que se fixou definitivamente.

A conclusão irrefragável a tirar de todos estes factos é esta : — a hipótese etimológica, que o Dr. Leite de Vasconcelos sempre defendeu para o topónimo português, partindo apenas da sua última forma *Chaves* e que os filólogos nacionais e estrangeiros acolheram de bom grado, é formalmente contraditada pelos documentos e tem de ser abandonada.

O caso etimológico do nosso topónimo não é, como ele pretendia, o ablativo latino *Fluiis* = *Fluis*, mas sim a acusativo *Fluias*, que se transformou normalmente no português antigo *Chávias*; e foi este *Chávias*, mas já dentro da nossa língua, onde não evocava nenhuma ideia, que o povo alterou em *Chaves* por influência do nome comum *chave*, plural *chaves*, como indicam as latinizações artificiais acima aludidas, — seja porque a povoação acastelada assim chamada, junto da raia com uma nação com quem tivemos lutas frequentes, constituía como que a *chave* da

sua defesa, ou tinha as *chaves* da entrada «manu militari» em Portugal por esse lado da fronteira (8), — seja por simples atracção paronímica daquele nome comum, do que há outros exemplos (9).

Nada de confusões, porém.

A miragem mental, a que acabamos de nos referir, se na verdade originou a alteração de *Chavias* em *Chaves*, é totalmente estranha, — escusado será frisá-lo, — ao étimo real do nome da nossa cidade.

Será interessante assinalar, por se tornar notável, a proliferação do nome geográfico especificamente português aqui tratado, que se acha hoje difundido por várias partes do mundo. Ele aparece não só em outras provincias de Portugal, além da de Trás-os-Montes, onde nasceu, mas também em algumas da Espanha, nas Américas do Norte e do Sul e na África Portuguesa.

Sob este ponto de vista cremos não haver outro nome congénere nosso, que se lhe possa comparar.

(8) No seu *Vocabulário Port. e Latino*, II, 280, s. v. *chave*, escrevia Bluteau, em 1712:— «Também certas cidades, ou praças fronteiras, por onde os inimigos não podem facilmente entrar, e que depois de tomadas abrem caminho para maiores conquistas, se chamam as *chaves* de um reino». Morais Silva, no *Dic. da Lingua Port.*, consigna análogo sentido metafórico, e traz abonações de Gastanheda e Lucena.

No Novo Testamento, segundo a Vulgata, usa-se já, em metáfora semelhante, o lat. *clavis*, quando se referem as palavras de Cristo a S. Pedro: «Tibi dabo *claves* Regni Caelorum» (*Evang. S. Matth.*, xvi, 19).

(9) Vid. A. Dauzat, *Les noms de lieu*, p. 63. Foi também por etimologia popular, que o nome de lugar italiano *Chiavasso* (proveniente, aliás, do lat. *clivus*, ladeira, com um sufixo) se relacionou e conformou com o ital. *chiavi*, chaves, e até nas suas armas se fez figurar duas chaves, similarmemente ao que sucedeu com o braço da nossa *Chaves*... Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições* cit., 1.ª ed., pág. 258 e nota 5

Em França são exemplos da mesma espécie: — o ant. topónimo *Cleeries* (séc. XII) transformado modernamente em *Clefs* (Maine et Loire), — e um ant. *Clarus mons*, monte claro (1092), que no séc. XIII e XIV se disse *Clermont* e *Clemont*, tornando-se hoje *Clef mont* (Haute Marne), como se derivassem ambos do fr. *clef* ant. fr. *clé*, chave, com que nada têm na verdade. Cf. A. Vincent, *Toponymie de la France*, n.º 116, p. 51, col. 2.ª.

São as formas antigas, que desvanecem essas miragens enganadoras.

O segredo dessa extensa irradiação está, sobretudo <sup>(10)</sup>, na sua adopção como apelido pessoal desde a Idade Média e, depois, no emprego desse apelido como determinativo, em denominações locativas compostas, para indicar o senhor ou possuidor, o fundador, o descobridor, etc. da coisa determinada, v. g. *Quinta do Chaves*, *Casa de Chaves*, *Chaves Pass*, de que adiante falaremos.

Sabe-se com quanta frequência os nomes de lugares passam a apelidos e os diversos modos e significados desse facto, sobre o qual pode ver-se o trabalho fundamental do Dr. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, págs. 155 a 175; Lisboa, 1928.

Falando do que aqui nos interessa, diz em 1706 o P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa (*Corografia Port.*, 1, 506) que — «no ano de 1160... foi restaurada [a vila de Chaves] por dous irmãos Rui Lopes e Gracia Lopes, cavaleiros portugueses, por cuja causa tomaram o apelido de Chaves, que ficou a seus descendentes <sup>(14)</sup>».

Não foi, porém, privativo dos descendentes daqueles pretendidos restauradores, com certeza, o uso do apelido *Chaves*. Outros mais, nobres e plebeus, o adoptaram, como indicativo da pátria de origem, ou da terra onde viveram, conforme o costume vulgar e geral.

Procurando dados mais firmes, encontramos envolvidos nas lutas pela nossa independência, no último quartel do séc. xiv,

<sup>(10)</sup> Dizemos *sobretudo*, porque há também casos em que os topónimos irradiam sem intermediários para longe do seu berço levados apenas nas asas da saudade.

É que os emigrantes, ao fixarem-se em países novos ou ermos, dão às vezes o nome da sua terra natal aos núcleos das povoações, que formam. Dão-no eles, ou as competentes autoridades, tendo em conta essa terra.

<sup>(11)</sup> O P.<sup>e</sup> Carvalho repete apenas o que, em 1645, havia já dito, quase por iguais palavras, Rodrigo Méndez Sylva, na *Población General de España* (2.<sup>a</sup> ed., Madrid 1675, a fls. 143 v.<sup>o</sup>) e que este copiara de escritores anteriores, que cita, mas não conferimos agora.

Se a *restauração* aludida for verdadeira, essa palavra nunca poderá entender-se por «reconquista aos mouros», como autores sem critica têm admitido, pois no séc. xii não existiu, nem mesmo efemeramente, dominio algum de mouros sobre qualquer terra de Trás-os-Montes.

Tratar-se-á talvez de «restauração económica e repovoamento» e, assim entendida, já aquela notícia, que aparece acompanhada de nomes e data, não repugnaria. Faltam, todavia, documentos idóneos a apoiá-la.

um Nuno Garcia *de Chaves*, que se bandeou então com o rei de Castela, e um Nuno Fernandes *de Chaves*, que se bateu pelo Mestre de Avis — ambos memorados por Fernão Lopes na *Cronica de D. João I*, P. i, capp. 160 e 161.

No séc. seguinte, figuram um Alvaro *de Chaves* e um Joham *de Chaves*, plebeus, em does. de 1443 e 1450 <sup>(41)</sup>.

Do séc. xvi e seguintes há numerosas abonações do seu uso que podem ver-se, por exemplo, nos índices onomásticos da *História do Descobrimento e Conquista da Índia*, de Castanheda (ed. de Coimbra, 1933, vol. iv), e das *Décadas* de Barros e Couto, ed. setecentista da Academia; no *Dic. Illustrado da Língua Port.* de F. d'Almeida e H. Brunswick, vol. 1 (1897), no dicionário *Portugal*, vol. 11 (1906), na *Enciclopédia Port. e Brasileira*, em publicação, vol. vi, s. v. *Chaves*.

O *Anuário Comercial* e as listas dos telefones, volumes relativos a Lisboa e Porto, oferecem também numerosos exemplos contemporâneos, em que o apelido aparece o mais das vezes sem a precedência da preposição *de*: Laura *Chaves*, poetiza; Pedro *Chaves*, jurisperito; Luís *Chaves*, etnógrafo, etc.

Desde cedo passou o nosso apelido para o país vizinho. Já acima mencionamos Nuno Garcia *de Chaves*, que no séc. xiv trocou a sua pátria por Castela e outros assim apelidados emigrariam para lá, antes e depois, jamais sendo a vila portuguesa, de que provêm o apelido, povoação fronteiriça. E o que é certo é que, no séc. xvi, tanto na Espanha como nas suas possessões da América, aparecem muitos indivíduos, que o levam.

Apontarei apenas, daquele século, e um pouco ao acaso, os seguintes : —Alonso *de Chaves*, cosmógrafo, piloto-mor da Espanha entre 1552 e 1586; Juan *de Chaves*, companheiro de Pedro de Alvarado na fundação da vila de Grácias-a-Diós (Honduras) em 1536 ; Hernando *de Chaves* e Francisco *de Chaves*, que colaboraram com Alvarado na conquista da Guatemala (1523); António *de Chaves*, que foi com Pizarro ao Peru e governou a ilha de Cuba de 1646 a 1550; Nuflo (ou Nuño?) *de Chaves*, que foi para a América em 1540, e fundou a vila de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) em 1560 ; Jerónimo *de Chaves*, matemático e historiador,

<sup>(42)</sup> *Does. das Chancelarias Reais relativos a Marrocos*, publicados pela Academia, 1, pp. 397 e 401 ; Lisboa, 1915.

filho do i.<sup>e</sup> nomeado, autor da *Cronografia ó Repertório de los tiempos* (Sevilha, 1561) ; Gabriel de Chaves, topógrafo hispano-americano do séc. xvi, etc. etc.

Sobre estes e outros indivíduos do mesmo apelido, quer desse século, quer dos seguintes até os tempos modernos, e tanto espanhóis como das repúblicas hispano-americanas, podem ver-se notas na *Bibliotheca Hispana* de Nicolau António, no *Dicc. Enciclopédico Hispano-Americano*, de Barcelona, na *Enciclopedia Universal Ilustr. Europeo-Americana*, da Casa Espasa, s. v. *Chaves*, etc.

Nos países de língua espanhola o nosso apelido veio a assumir, por vezes, a grafia variante *Cháve*{, com { indevido, decerto por analogia com os numerosos patronímicos terminados nessa língua em *-e*{, com *e* átono : *LopeVelasque*{, *SancheGonzalez*, *Nuñe*\, *Pere*\ e outros. Godoy Alcántara, no seu *Ensayo... sobre los apellidos castellanos* (Madrid, 1871) cita também, a págs. 141-42, as antigas variantes, talvez leonesas, *Xavi*\ e *Áaves*, mas pretende-as absurdamente ligar, assim como o nosso topónimo *Chaves*, ao nome pessoal latino-cristão *Jacobus*!

Aquela variante com \ final chegou, por último, até o parlamento dos Estados Unidos da América, onde há presentemente um senador democrático chamado Denis *Chave*\, talvez de ascendência mexicana ou espanhola; e a supracitada *Enciclopedia* da Casa Espasa, s. v. *Chave*{, além de registar os nomes de personalidades modernas do México e do Perú, que a usam assim, cita também já do séc. xvi, um Fr. Juan de *Chavea* missionário espanhol na região de Cartagena (Colombia) em 1530, e o P.<sup>e</sup> Trinidad *Chaveç*, também espanhol, que missionou no México, aonde chegou em 1531.

Ora, com não menos facilidade que os nomes do lugar se tornam apelidos, passam estes depois (e os antropónimos, em geral) a nomes de lugar. Porque, desde sempre e por toda a parte, a par de outros recursos, costumaram os homens aplicar o próprio nome às suas obras, às suas propriedades, às suas moradas, para melhor as individualizar, conforme já no seu tempo notou o salmista bíblico: — «vocaverunt nomina sua in terris suis». (*Vulgata*, Psalm., XLVIII, 12).

E, por isso, a consequência lógica do extenso emprego do nome moderno da velha *Flavias* como apelido, foi a larga reflexão deste na nomenclatura geográfica de três continentes.

A começar pelo nosso país, eis aqui o mostruário de exemplos dessa reflexão, que organizei, mas certamente estará hoje muito incompleto.

Portugal :

*Chaves*, pequeno lugar da freg. de Monte Redondo, conc. de Arcos de Valdevez;

*Chaves*, idem das fregs. de Novelas e Entre-os-Rios, conc. de Penafiel ;

*Chaves*, idem da freg. de Avintes, conc. de Vila Nova de Gaia ;

*Casal do Chaves*, na freg. de Ardegão, conc. de Fafe;

*Quinta do Chaves*, nome de duas quintas na freg. e conc. de Almada;

*Quinta do Chaves*, na freg. da Sé, conc. de Évora;

*Monte do Chaves*, casal na freg. de Ventosa, conc. de Eivas;

*Horta do Chaves*, na freg. das Neves, conc. de Beja (13).

Espanha :

*Chaves*, bairro no termo de Llantero, ayunt. de Ayala, prov. de Alava ;

*Chaves*, lugar da freg. de Luci, ayunt. de Teo, prov. da Corunha:

*Chaves*, aldeia da freguesia de Campos Ancos, ayunt. de Lalin, prov. de Pontevedra;

*Chaves*, despovoado no partido judicial de Rio Seco, prov. de Valhadolide;

*Bustillo de Chaves*, lugar, e *Castrillo de Chaves* despovoado, no partido judicial de Villalon, mesma província;

(13) Servimo-nos, para o efeito desta lista, do *Dic. Postal e Chorográfico* de Silva Lopes (vol. 1, 1891) e do dicionário da *Chorographia Moderna* de J. M. Baptista (vol. vi, 1878) apesar de já antigos, porque não há outros mais recentes, que os substituam com proveito.

Os volumes dos censos oficiais da nossa população de 1911 e 1940, que trazem os nomes de lugares, nem só são omissos geralmente quanto aos das entidades minúsculas de população, mas também são de trabalhosa consulta por não conterem um dicionário geral dos nomes de todo o país, como era de desejar.

*Casa de Chaves*, alearía no termo de Xátiva, prov. de Valencia (u).

Brasil:

*Chaves*, vila na ilha de Marajó, estado do Pará;

*Ilha do Chaves*, pequena ilha do estado da Baía, municipio de Belmonte;

*Alfredo Chaves*, colonia no estado do Rio Grande do Sul ;

Paraguai:

*Chaves*, povoação e estação ferroviária, uns 60<sup>km</sup> ao Sul de Villarica.

Argentina:

*Cuesta de Chaves*, serrania na prov. de San Juan.

Estados- Unidos da América:

*Chaves*, «condado» no estado de Novo México, atravessado pelo rio Pecos, capital Roswell ;

*Chaves*, povoação e estação ferroviária do mesmo estado, entre as de Bluenwater e Coolidge ;

*Chaves Pass* (isto é, «passagem, portela ou desfiladeiro do Chaves»), no estado de Arizona.

Ilha de Cuba:

*Chavea*, nome de um ancoradouro (fondeadero) na prov. de Santa-Clara, município de Rancho Veloz, defronte dos «cayos» Flamencos.

Ilha de S. Tomé (*África Occidental*):

*Ana de Chaves*, nome da mais importante baía e porto da ilha e de um alto pico sobranceiro a ela (15).

JOAQUIM DA SILVEIRA

(14) Para esta lista de topónimos espanhóis servimo-nos do *Dicc. geográfico-estad.-histórico de España y sus posesiones de Pascual Madoz*, vu, e do referido *Dicc. Enciclopédico Hispano-Americano*, s. v. *Chaves*.

(15) Estes últimos nomes arrolados, da América e África, são colhidos no *Grand Atlas de Géographie Moderne*, de Stieler, g.<sup>4</sup> ed. (1911) e na *Enciclopedia* da Casa Espasa, atrás citada.